

O BIBLIOTECÁRIO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA

(EIXO TEMÁTICO: Acesso e excesso de informações)

(CATEGORIA DO TRABALHO: Reflexões teóricas)

Ana Rosa dos Santos

Universidade Federal Fluminense - Núcleo de Documentação

R. Visconde de Rio de Branco, s/n - Campus do Gragoatá

24240-006 - Niterói - RJ – Brasil

ndcars@vm.uff.br

Luciana Demétrio Manta

Conselho Regional de Biblioteconomia - 7ª Região

Av. Rio Branco, 277 - Sl. 710 - Centro

20040-009 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

lumanta@zipmail.com.br

crb7@br.inter.net

RESUMO

Traça algumas reflexões sobre o papel do bibliotecário na Sociedade da Informação no Brasil. História a Sociedade da Informação Brasileira, idealizada em 1996, e instituída em 1999, através de Programa Governamental. Apresenta as influências do rompimento do paradigma cartesiano para o holístico dentro da profissão e o regresso ao cunho humanista, onde o profissional reassume seu papel de facilitador e disseminador de informações. Indica a necessidade de preparação para essa nova realidade. Menciona os problemas no acesso à informação, as ferramentas e as estratégias de busca, as “infovias” e seus “pedágios”. Aponta os desafios do excesso informacional, a gestão do conhecimento e o valor agregado. Transpõe as cinco leis de Ranganathan para o contexto da sociedade da informação. Conclui com a convocação aos bibliotecários à releitura de seu perfil profissional frente à sociedade que se apresenta.

(PALAVRAS CHAVES: Bibliotecário; Sociedade da Informação; Paradigmas, Gestão da informação; Valor agregado; Internet; Leis da Biblioteconomia)

INTRODUÇÃO

A chamada “Sociedade da Informação” é um ambiente global estruturado nas tecnologias da informação e comunicação. Essas tecnologias trouxeram mudanças e implicações sociais, culturais e principalmente econômicas, provocando a ruptura de paradigmas da sociedade. A Sociedade da Informação, também chamada pós-industrial, é a nova sociedade capitalista que está sendo construída pelos governos mundiais.

Nesse contexto, este trabalho traz algumas reflexões sobre o papel do bibliotecário na Sociedade da Informação Brasileira. Objetiva apresentar uma visão panorâmica do fazer bibliotecário, procurando identificar as influências sociais neste fazer. Buscando identificar as ameaças e oportunidades apresentadas.

Nessa Sociedade da Informação, mais que nunca, as Leis de Ranganathan devem ser praticadas visando promover o acesso à informação, sem excesso. Democratizando, garantindo a todos o direito a informação, visando promover uma sociedade igualitária e democrática.

1 PARADIGMAS

Toda sociedade sofreu profundas alterações ao longo dos séculos. Principalmente na era moderna e contemporânea, houveram várias rupturas que trouxeram novos paradigmas que influenciaram, influenciam e influenciarão a sociedade. Quando o homem está insatisfeito ele procura mudar, tornando-se mais aberto aos novos modelos e as mudanças (Covey, 1997, p. 165).

Foi assim na maioria das revoluções científicas, que passaram por vários modelos (Geocêntrico, Heliocêntrico, Cartesiano, Holístico, etc.) que Marcondes (1994, p. 19) enfoca como mudanças que ocorrem por questões internas e/ou externas. Quando internas, pelo esgotamento teórico/metodológico, e quando externas, por exemplo, por alterações socioculturais, que já não aceitam um modelo estabelecido. Ainda segundo Marcondes (1994, p. 19), esses períodos são benéficos ao ser humano, dando-lhes chances de extrapolar seus limites e posteriormente compreendê-los, pois, “enquanto inseridas no contexto, não vislumbramos seus efeitos”.

É importante ressaltar, que sempre que ocorre uma mudança de paradigma, surgem pontos benéficos e outros que levam ao retrocesso do homem, foi assim na era da industrialização (Paradigma Cartesiano) que trouxe um enorme avanço nos meios de produção e dentro das profissões, como descreve Carvalho & Kaniski (2000, p. 34) “a sociedade industrial trouxe no seu bojo elementos como máquinas e ferramentas, trabalhadores especializados, produção em série, energia, entre outros, enfim, tudo voltado para a produção de bens de consumo”. Mas nem tudo é benefício, a mudança do paradigma também trouxe uma série de problemas; a técnica, o tecnicismo, o individualismo dentre outros, levou o homem a divisão das ciências e dele próprio, fazendo da análise o princípio de entendimento de todas as coisas, esquecendo que a parte está contida no todo.

As tendências paradigmáticas também influenciaram a história dos registros do conhecimento e a Biblioteconomia, do surgimento da pictografia suméria, datada de 4.000 A.C., até a Internet, consolidada como Rede Mundial na década de 90, muitos modelos foram rompidos e/ou mudados. Algumas mudanças levaram muito tempo para acontecer, porém as tecnologias da informação e da comunicação aceleraram essas mudanças e promoveu o fenômeno da globalização.

Como não podia deixar de ser, essas novas tecnologias influenciaram também o profissional bibliotecários e/ou profissionais da informação, que sentiram a complexidade e a velocidade que essas mudanças trouxeram a profissão. Hoje, a matéria prima de seu trabalho, a informação, deixou de ser algo sólido para tornar-se volátil. Segundo Valentim, “a grande mudança na área de biblioteconomia é a mudança do paradigma do acervo para o paradigma da informação” (1995, p. 4). Deixamos de racionalizar (paradigma cartesiano) para democratizar (paradigma holístico).

A Biblioteca como qualquer organização necessita adequar-se, visando principalmente o seu usuário e a qualidade do serviço prestado. O trabalho executado manualmente deu lugar a novas tecnologias, que com suas ferramentas, trouxe rapidez no tratamento da informação e na busca da mesma. É importante que o usuário receba qualidade e não quantidade, que se evite uma demanda de informações que não possam ser analisadas.

O profissional deverá estar capacitado a interagir com essas ferramentas, mas sem cometer o erro de cair “tecno-idolatria onde as ações do bibliotecário seriam voltadas ao meio (máquina) e não ao fim – o usuário (ser humano)” (Blattman). Podemos exemplificar tal ocorrido na era da Automatização das Bibliotecas, (típico do paradigma Cartesiano em nossa profissão), que foi marcado pela quantidade de produção, onde a eficácia era comprovada com relatórios estatísticos, e infinitos resultados numéricos. Antes de tudo era necessário racionalizar. O profissional deixou de ser “O Bibliotecário” para ser: o catalogador, o classificador, o indexador, etc., ou seja, um técnico preso a uma função.

Mas como tudo é mutável e a própria sociedade exige adequação das suas organizações, o que eram velhos conceitos, podem tornar-se novos e vice-versa, como cita Hirschman (1979, p. 22) o novo surge da transformação do velho e da insatisfação humana. Comprovaremos isso à frente, com as "Cinco Leis de Ranganathan", que estão mais atuais do que nunca. Neste momento, a Profissão volta-se novamente para seu lado humanista, e reencontra seu papel principal, o

de profissional da informação, agente facilitador ao acesso à informação, que de acordo com Valentim (2000, p. 4) “deve perceber claramente seu papel de processador e filtrador da informação e utilizá-lo de forma coerente e eficiente, voltando para o usuário/cliente.” Nesse contexto, vislumbramos, que um o setor de referência torna-se mais do que nunca ponto chave para o bom desempenho organizacional. Fazemos as seguintes perguntas: Será que a máquina é capaz de entender as entrelinhas existentes nas solicitações de muitos usuários? Todos os pesquisadores sabem operar as ferramentas de busca? Quantos sabem o que é operação booleana? Quantos sabem a diferença entre os mecanismo de busca? Essa mediação pode ser feita pelo profissional bibliotecário, o agente facilitador.

Outro ponto fundamental no rompimento paradigmático foi a necessidade do constante aperfeiçoamento profissional, já não basta o método e a técnica (análise) é preciso a dinâmica e a criatividade (síntese), e só o conseguiremos “através do aprimoramento contínuo e afinado com a realidade” (Müeller, 1996, p. 271).

Ao invés de pensarmos na globalização da informação que pode ser tão reducionista como a visão cartesiana, temos que pensar no compartilhamento “inter, multi e transdisciplinar” da informação, utilizando todas as ferramentas e técnicas, bem como a inteligência e a criatividade de disseminar e democratizar a informação de forma a criarmos uma sociedade mais igualitária.

2 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA

“Sociedade da informação” pode ser definida como um ambiente global que tem por base as tecnologias de comunicação e informação (Brasil, p.11, 1998). É conhecida também, como: “nova civilização”, “terceira onda”, (Toffler, c1980); “sociedade informática” ou “segunda revolução industrial” (Schaff, c1990); “sociedade pós-capitalista” ou “sociedade do conhecimento”(Drucker, c1997);

“pós-industrial”; “sociedade do aprendizado”, “sociedade da informação”, etc. Pode-se dizer que a idéia de uma “nova sociedade” vem sendo promovida desde a década de 50, tendo como um de seus marcos a “teoria do capital humano”, premiada com o Nobel na década de 70, que dizia que a riqueza de uma nação estaria vinculado ao investimento em pessoas . Essa nova sociedade capitalista apresenta, assim, o conhecimento como meio de produção (Drucker, c1997, xv-xvi).

O “Programa Sociedade da Informação”, do governo brasileiro, objetiva inserir o Brasil na chamada “sociedade da informação”. Esse Programa teve sua concepção registrada em 1996, no âmbito do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Apesar de sua origem em 1996, sua instituição aconteceu apenas em 15 dezembro de 1999, com o Decreto n. 3.294. O Programa está sendo coordenado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, e tem suas etapas de implantação e execução programadas até 2003. Para a construção da Sociedade da Informação o governo brasileiro vem promovendo a formação de grupos de trabalho – GTs, que geraram os documentos basilares dessa Sociedade. Estes GTs foram formados por representantes dos Ministério da Ciência e Tecnologia, da iniciativa privada, e do meio acadêmico. Como resultado deste GTs, foi apresentado a sociedade o chamado “Livro Verde”, uma suma das metas do “Programa Sociedade da Informação”.

Outro passo para construção da sociedade da informação no Brasil foi a criação de uma infra-estrutura para Internet brasileira, aproveitando a experiência do Projeto da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), na apropriação das tecnologias de comunicação e informação necessárias para tal. Foi incentivada também a pesquisa para o desenvolvimento de “computadores populares” , bem como da “Internet 2”.

Continuando a “construção” da sociedade da informação, o governo brasileiro também promoveu a privatização do sistema de telecomunicações, criando a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Respalhando essas ações, foram elaboradas leis, decretos, portarias etc., que legitimam essa “nova sociedade”. O “Programa Sociedade da Informação” no enunciado de sua missão a frase “... a inclusão de *todos* os brasileiros na sociedade da informação”(Brasil, 1998; Takahashi, 2000).

3 O BIBLIOTECÁRIO E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA

Por muito tempo, o fazer bibliotecário foi limitado ao armazenamento e processamento de dados, em *sua* unidade de informação, e para o atendimento do *seu* usuário. Com o aumento da produção de conhecimento, a capacidade de guarda e tratamento de dados diminuiu. Como solução, surgem as primeiras idéias de compartilhamento e cooperação; redes são montadas a fim de evitar a duplicação esforços. Com os primeiros computadores essas redes tiveram sua capacidade aumentada.

A parti daquele momento, as redes, e seu público eram o objeto daquele profissional da informação, que se viu obrigado a se adaptar a uma nova realidade. Mas o conhecimento e as tecnologias da informação e da comunicação não param de se desenvolver. A Internet, que a princípio teve fins militares, começou a ser usadas nas universidades. Com a Internet o potencial de interação das redes multiplicou-se. Mas uma vez o profissional bibliotecário teve que demonstrar a sua capacidade de adaptação.

Vivendo na chamada “Sociedade da Informação”, qual seria nosso papel? Temos compreensão dessa nova realidade? Estamos prontos para agir nesse novo espaço? Dimensionamos o valor que a informação pode ter nessa

sociedade? Todos poderão ter acesso à informação? A missão do “Programa Sociedade da Informação”, de inclusão de todos os brasileiros, pode ser cumprida? Como contribuir para essa missão se efetive? Esses são questionamentos que não estão limitados a nós bibliotecários, mas deve ser de todos os agentes do bem comum. É preciso que assumamos um papel ativo nessa “Sociedade da Informação”, afinal de contas somos profissionais da informação. É preciso que nos lembremos do nosso compromisso profissional em preservar a liberdade de investigação e a dignidade humana. Esse compromisso nos leva a recobrar o papel de agentes facilitadores ao acesso à informação, com vista proporcionar uma melhor qualidade de vida para todos.

4 O BIBLIOTECÁRIO COMO AGENTE FACILITADOR

A atuação do profissional de biblioteconomia na atual sociedade é um desafio, e deve ser enfrentado. Afinal temos os meios, as tecnologias, nossas extensões, que como tal, devem ser manipuladas por nós. A participação de cursos, atualização bibliográfica, enfim a educação continuada deve ser uma prática. A necessidade de preparação para essa nova realidade, destarte, é imprescindível. Mas é importante que essa não seja apenas técnica, mais também política, para que não sejamos manobrados, podendo agir de forma consciente. Importa também que nosso papel como “facilitador”, como “filtrador” do excesso informacional atual, não implique em censura, pois essa quebraria o nosso compromisso profissional.

4.1 Gerenciando a informação e agregando valor

Diante da explosão documentária o bibliotecário precisa atuar como gerente, gestor de informação. É preciso administrar a quantidade imensurável de dados disponíveis, a fim de transformá-los em informação relevantes, que possa ser usada para produção de conhecimento novo.

O conceito de “agregação de valor” é relativamente novo, Robert S. Taylor, apresentou pela primeira vez em seu livro *Value-added processes in information systems*, (1986). A idéia seria “transformar dados sem nenhum significado em informação útil”. Catalogar e classificar são exemplos de agregação de valor. Como vemos o conceito pode ser considerado novo, mas a idéia é velha. As tradicionais etapas de análise, síntese da informação são componentes do processo de agregação de valor. O bibliotecário como gerente de informação realiza a filtragem dos dados, agregando valor afim de transformá-los em informação. Várias técnicas podem ser usadas nesse processo, o importante é que seja apresentado ao usuário uma informação útil, precisa, e em menor tempo(Kielgast & Hubbard, 1997).

4.2 A Internet, suas ferramentas e as estratégias de busca

A Internet, a chamada rede das redes, é um novo repositório de informação, um espaço alternativo, cada vez mais participante da vida social. Além dos documentos de seu acervo, o bibliotecário precisa gerir os dados dessa rede. A variedade recursos informacionais oferecidos extrapola os tipos tradicionais, como livros, teses, periódicos, etc. Novos recursos inerentes a Internet acrescem as possibilidades de informação, como: os hipertextos, listas de discussão, conferências eletrônicas, fóruns eletrônicos, etc (Marcondes & Gomes, p.5, 1997).

A World Wide Web, revolucionou a Internet. Os programas gráficos e recursos de multimídia tornaram a navegação na rede mais agradável. Com a Web, número de navegadores multiplicou-se, bem como os dados. Visando facilitar a localização desses dados foram criadas as chamadas ferramentas de busca. Podem ser divididos em duas categorias:

- Diretórios - A indexação é feita com a participação humana. O índice é organizado em categorias, de forma hierárquica. Foram a primeira tentativa de índice para Web. Como exemplo temos: Yahoo! e Cadê.
- Motores de busca - A indexação é realizada por robôs. Seu índice contém todos os termos contidos nas páginas por eles armazenadas, bem como suas URLs. Exemplos: Altavista, Google, Todobr.

Os diretórios apresentam resultados com maior precisão e relevância; os motores de busca maior revocação. Para atenuar o problema causado pelo excesso de itens recuperados pelos motores, foram criados critérios que fazem com que os resultados mais relevantes sejam apresentados primeiro (Cendon, 2001). “Numa avaliação do sistema SAPHIRE, concluiu-se que a indexação humana representava uma vantagem de cerca de 10% sobre a indexação automatizada” (Hersh & Hickam apud Dias, 2001).

A experiência mostra que para uma pesquisa exaustiva é necessário que sejam realizadas buscas nas várias ferramentas, para facilitar esse trabalho foram criadas as metaferramentas, ou multibuscadores, que fazem suas buscas usando as bases de dados dos diretórios e dos motores de busca existentes.

A distinção entre os dois tipos de ferramentas é cada vez mais tênue, hoje a maioria delas pode ser consideradas ferramentas híbridas(Chendon, 2001). Por exemplo, o Yahoo! permite a busca por palavras; o Google e o Altavista apresentam a estrutura de um diretório, como opção em suas páginas.

Para um resultado com qualidade é importante que se monte uma estratégia de busca. Devem ser considerados os possíveis sinônimos, o tipo de ferramenta, e os operadores booleanos que essas disponibilizam. Enfim é preciso conhecer a estrutura lógica da ferramenta para melhor aproveitá-las.

4.3 A infovias e os seus pedágios

A Internet hoje nos oferece uma enorme possibilidade de recursos, a cada dia são criadas interfaces mais amigáveis, e interativas. Ferramentas que aumentam a precisão das respostas, também estão sendo desenvolvidas. A “infovia” está sendo pavimentada, e “a tendência a médio prazo é que a maioria da informação eletrônica disponível na rede tenha seu custo repassado ao consumidor final”, os “pedágios” serão uma constante nesse espaço. As bibliotecas de instituições públicas, que são responsáveis pela democratização dos recursos informacionais, já acostumadas com a falta de verbas, terão como pagar esses pedágios? (Brasil, p. 87, 1998). Essa é uma preocupação que cabe a nós bibliotecários.

Analisando o caso das assinaturas de periódicos, eletrônicas, que substituíram algumas assinaturas em papel, nas bibliotecas das universidades federais, perguntamos: Essas assinaturas serão renovadas? Caso não sejam, será garantido o acesso à informação do período contratado, mesmo com término do contrato? Caso não seja garantido o acesso a essas informações eletrônicas, como recuperar esse período bibliográfico? Teremos que pagar, novamente? Essas são algumas questões que devem ser consideradas. Estamos vivendo um período conturbado, em que as decisões precisam ser tomadas com um apoio de uma teoria, que ainda não está desenvolvida, mas que deve ser consultada, a fim de respaldar todo processo decisório. As decisões de hoje, com certeza influirão no futuro. Nascimento(2001) traz a sua contribuição à teoria relativa gestão de coleções de periódicos, dizendo que este processo deve ter três vertentes: estudo da coleção, análise da comunidade universitária e avaliação do compartilhamento de coleções, em consórcios.

O bibliotecário como agente social, cumprindo seu compromisso profissional, deve buscar respaldo na teoria, buscando melhores resultados. Deve estar preocupado com democratização da informação, assim mais que nunca as “Cinco Leis da Biblioteconomia” devem ser praticadas.

5 RANGANATHAN HOJE

Shialy Ramamrita Ranganathan, nascido em 9 de agosto de 1892, na Índia; graduou-se em 1916, em Matemática, na Universidade de Madras, e logo se

tornou professor de Matemática, nesta mesma universidade. Politizado, sempre preocupado com a melhoria das condições de trabalho, e com o ensino e a pesquisa em seu país, deu início a uma campanha em prol da melhoria da Biblioteca de sua Universidade.

Em 1924, o cargo de bibliotecário vagou, assim ele foi praticamente levado por seus companheiros a ocupá-lo. Para tal era exigido que o candidato cursasse Biblioteconomia na Grã-Bretanha. Em sua nova jornada, Ranganathan começa a preocupar-se com a racionalização da prática biblioteconômica, visando construir uma base teórica que pudesse ser adaptada às mudanças contínuas da sociedade.

Em 1928, Edward B. Boss, seu antigo professor de Matemática envolvendo-se com o nova preocupação de seu antigo aluno, enuncia aquela que seria a primeira das “Cinco Leis da Biblioteconomia”(Campos, p.2).

Desde aí, essas Leis podem ser consideradas a base para todas as atividades biblioteconômicas, como assim desejava Ranganathan, elas se revelam mais atuais do que nunca. Analisando seu livro, (c1966), tentaremos transpor suas leis para nossa realidade.

5. 1 As cinco leis da Biblioteconomia

Quando Ranganathan apresenta a primeira: “*Os livros são para serem usados*”, ele se a contrapunha a velha prática que dizia que os “livros eram para serem preservados”. Praxe que até hoje ainda é mantida por muitos bibliotecários. Diríamos então que: *A informação deve ser e/ou estar acessível a todos.*

Se em sua primeira lei a abordagem é centrada no livro, na informação; na segunda lei o cerne é o usuário. Na exposição da lei: *“A cada leitor o seu livro”*, Ranganathan enfatiza que todos devem ter acesso à informação independente de condição social, sexo, idade, etc. Traz a questão da democratização da informação, e da educação, que desde os primórdios é privilégio de poucos. Podemos então dizer que: *Cada pessoa deve ter acesso à informação desejada.*

Na terceira lei: *“Para cada livro o seu leitor”*, Ranganathan ressalta que o bibliotecário deve estar atento à adequação da informação ao seu usuário. Afirma que a seleção dessa informação deve ser feita através das demandas do usuário, da oferta da informação, e dos fundos disponíveis, evitando assim, a censura pessoal do bibliotecário. Assim podemos dizer: *Informação deve ser adequada à solicitação do usuário.*

Quando Ranganathan anuncia a quarta lei: *“Poupe o tempo do leitor”*, aponta simples práticas que agilizam a recuperação da informação. Produtos como índices de periódicos, bibliografias especializadas, e outros facilitadores são lembrados. Sugere a melhor racionalização dos serviços, e a cooperação entre bibliotecas. Bem como a qualificação do staff, o velho serviço de referência merece destaque em sua exposição. Hoje, parafraseando, poderíamos dizer: *Agregue valor à informação.*

Em sua quinta lei: *“A biblioteca é um organismo em desenvolvimento”*, Ranganathan aponta as necessidades constantes de ajustes dos serviços e produtos de uma biblioteca. Fatores como o volume de informação, de público, de funcionários, alteram o funcionamento de uma biblioteca. Ressalta a importância da elasticidade, expansividade, e hospitalidade dos sistemas de classificação. Mais uma vez a questão da qualificação do pessoal é evidenciada. Assim trabalhando com as idéias de “biblioteca virtual”, “biblioteca digital”,

“ciberbiblioteca”, e etc, poderíamos concluir, sobre as bibliotecas do futuro/presente, que: *As bibliotecas não terão/tem paredes.*

Ranganathan parece ter atingido seu objetivo de criar leis que pudessem acompanhar as mudanças sociais. Sua teoria ainda pode ser a base do fazer bibliotecário. Um fazer que deve procurar eliminar os problemas do excesso informacional, e proporcionar a todos acesso à informação, de forma a contribuir para uma sociedade mais justa.

CONCLUSÃO

As tecnologias da informação e da comunicação que são um destaque na Sociedade da Informação, como todo meio, não têm poder em si. Dependem da ação humana, que definirá um resultado positivo ou negativo. Toda mudança tecnológica oferece ameaças e oportunidades. Muitos, enxergando apenas as ameaças, rechaçam as oportunidades.

É preciso lembrar que as tecnologias são meios, são extensões do homem e como tal dele dependem (Mcluhan,1964). Não sejamos neoluditas, a ponto de negar a possibilidades que essas novas tecnologias nos ofereceu. Mas também não podemos ser idólatras, percebendo os problemas que essas mesmas tecnologias podem nos proporcionar.

- O bibliotecário, nessa sociedade da informação, deve se preparar para continuar a ser o agente facilitador, o elo entre a informação e o seu solicitante. Precisamos promover o acesso à informação a todos, lembrando todas as leis de Ranganathan. Mas também é preciso lembrar que o direito a informação está vinculado ao direito à educação. “A igualdade de condições em relação à

educação é elemento básico do direito à informação”(Almino, 1986, p.38). E é essa igualdade que todos devem buscar na Sociedade da Informação Brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ALMINO, Joao. *O segredo e a informação: ética e política no espaço público* São Paulo: Brasiliense, 1986.

ATAÍDE, Maria Elza Miranda. O lado perverso da globalização na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 3, set./dez. 1997. Disponível em: <<http://scielo.br/>>. Acesso em 28/11/01.

BLATTMANN, Ursula, RADOS, Gregório J. Varvakis. Bibliotecários na sociedade da informação: mudança de rótulos, funções ou habilidades? Disponível em: <www.geocites.com/ublattmann/papers/biblioSI_18.html>. Acesso em: 04/02/2002.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Perspectivas da ciências da informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 21 n. 2 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. *Sociedade da informação*. São Paulo : Instituto UNIEMP, 1998.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. As cinco leis da biblioteconomia e o exercício profissional. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com.bit/mluiza/index.htm>>. Acesso em 11/12/01.

CARVALHO, Isabel Cristina Louzada, Kaniski, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? *Ciência da Informação*, Brasília, v.29 n. 3, p. 33-9, set./dez. 2000.

CENDON, Beatriz Valladares. Ferramentas de busca na Web. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, jan/abr. 2001. Disponível em: <<http://scielo.br/>>. Acesso em 28/11/01.

CORNELLA, Alfons. *Como sobrevir a la infoxicación*. Disponível em: <http://www.infomania.com/equipo/articulos/infoxicacion.pdf>>. Acesso em 11/02/01.

COVEY, Stephen. Três funções do líder no novo paradigma. In: *O líder do futuro*. Org. por The Peter F. Drucker Foundation. 3. ed. São Paulo: Futura, 1997. P. 159-68.

DIAS, Eduardo Wense. Contexto Digital e Tratamento da Informação *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.2, n. 5, out. 2001. Disponível: <http://www.dgz.org.br/dez99/Art_01.htm>. Acesso em: 23/01/2002.

DRUCKER, Peter. *Sociedade pós-capitalista*. 6.ed. São Paulo: Pioneira, c1997.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação. *Transinformação*, v. 9, n. 1, jan./abr. 1997. Disponível em: <<http://www.puccamp.br/~biblio/guimaraes91.html>>. Acesso em 12/06/00.

HIRSCHMAN, Albert O. *As paixões e os interesses: argumentos políticos para o capitalismo ante de seu triunfo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, c1964. 400 p.

MARCONDES, Carlos Henrique, GOMES, Sandra Lúcia Rebel. O impacto da Internet nas bibliotecas brasileiras. *Transinformação*, v. 9, n. 2, maio/ago. 1997. Disponível em: <<http://www.puccamp.br/~biblio/marcondes92.html>>. Acesso em 18/12/01.

MARCONDES, D. A crise de paradigma e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Z. (Org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 16-29.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Formação profissional e educação continuada: que profissional devemos ser? In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, LONDRINA, 27 a 30 de maio de 1996. *Anais...* Londrina: Editora UEL, 1996, p. 253-272.

NAHUZ, Fernanda. World Wide Web: aspectos teóricos dos mecanismos de busca. *Revista Informação e Sociedade*, v. 9, n. 2, 1999. Disponível em: <<http://www.informação.esociedade.ufpb.br/92901.pdf>>. Acesso em 18/12/01.

NASCIMENTO, Maria Alice Rebello do. O impacto dos consórcios e a gestão da coleção de periódicos científicos das bibliotecas universitárias brasileiras. In: SIMPÓSIO VIRTUAL DE INFORMACIÓN, 1, 2001. *Anais Eletrônicos...* Disponível em: <<http://biblio.ivic.ve/simposios/consorcios/trabajos/html/reb01.html>>. Acesso em 28/11/01.

ORIENTAÇÕES estratégicas para a implementação de bibliotecas virtuais no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997. Disponível em: <<http://scielo.br/>>. Acesso em 28/11/01.

RANGANATHAN, S.R. *The five Laws of Library*. Bombay : Asia Publishing House, c1963. 449 p.

RICHERI, Giuseppe. Caminhando para sociedade de informação: desregulamentação das telecomunicações e as novas tecnologia na Europa. *Comunicação & Política*, v. 3, n. 1-4, jan-dez. 1985. p. 129-150.

SETZER, Valdemar W. Dado, Informação, Conhecimento e Competência. *DataGramZero* : Revista de Ciência da Informação, n. 0, dez. 1999. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez99/Art_01.htm>. Acesso em: 13/02/2001.

SCHAFF, Adam. *A Sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. 3.ed. São Paulo: UNESP : Ed. Brasiliense, c1990.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). *Sociedade da informação no Brasil: livro verde*. Brasília : Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <<http://www.socinfo.gov.br/index.htm>>. Acesso em 11 jun. 2001.

TEIXEIRA, Genilda Miranda de Souza, SHIEL, Ulrich. A Intenet e seu impacto nos processos de recuperação da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 1, jan./apr. 1997. Disponível em: <<http://scielo.br/>>. Acesso em 28/11/01.

TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. 18.ed. Rio de Janeiro: Record, c1980.

VALENTIM, M. L. P. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. *Informação & Informação*, Londrina, p. 2-6, jul./dez. 1995.

ABSTRACT

The lybrarian in the information society

It traces some reflections on the paper of the librarian in the Society of the Information in Brazil. It introduces the Society of the Brazilian Information, idealized in 1996, and instituted in 1999, through Governmental Program.. It presents the influences of the disruption of the cartesian paradigm for holistic of the profession and the return to the matrix humanist, where the professional reassumes its paper of facilitador and disseminator of information. It indicates the necessity of preparation for this new reality. It mentions the problems in the access to the information in Internet. It points the challenges of the informacion excess, the management of the knowledge and the aggregate value. It transposes the five Ranganathan's laws for the context of the information society. It concludes with the invocation to the librarians to the revision of its professional profile front to the society that if presents.

(KEYWORDS: lybrarians; Information society, Paradigms, Knowledge management; added-value; Internet; Laws of library Science)